

# Blimunda, o Orfeo no feminino ou passagem de Blimunda por Itália

*Maria Armandina Maia*

«BLIMUNDA», A ÓPERA LÍRICA EM TRÊS ACTOS QUE ÀS 21.30 do dia 20 de Maio de 1990 estreava no Teatro Lírico de Milão, tinha a assinatura do compositor italiano Azio Corghi, autor de uma obra consagrada, que conhecera representações nos mais prestigiados teatros e salas de concerto, também a nível internacional. Na obra deste compositor, responsável pela Cátedra de Composição no Conservatório de Milão, colaborador da Fundação Rossini e da Casa Ricordi, ocupavam lugar de indiscutível relevo as obras musicais que resultavam de incursões pelo mundo literário, sobretudo com a composição *Gargantua*, experiência de tal modo notável que levaria o Teatro alla Scala de Milão a confiar-lhe o projecto da ópera lírica *Blimunda*, extraída do romance de José Saramago, *Memorial do Convento*.

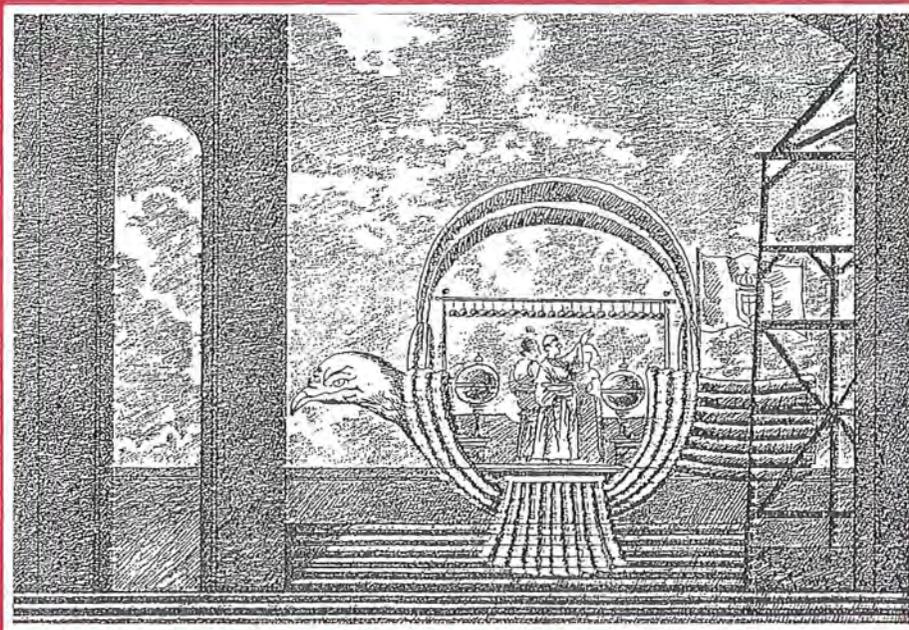
O autor do *Memorial* tinha, por essa altura, três obras suas publicadas em Itália: *Memoriale del Convento*, Feltrinelli, Milano, 1984, *La Zattara di Pietra*, Feltrinelli, 1987, e *Storia dell'Assedio di Lisbona*, Bompiani, 1990, traduções assinadas por Rita Desti (com excepção do *Memoriale del Convento*, fruto de uma tradução a quatro mãos, de Rita Desti e Carmen Radulet).

Para o vasto e exigente público italiano, Saramago era o autor português mais conhecido depois do «fenómeno» Pessoa, o primeiro a merecer destaque e interesse de casas editoras que constituíam um selo de garantia. No entanto, era junto de um núcleo de intelectuais que José Saramago assumia foros de verdadeira revelação, pela qualidade e ineditismo da sua palavra literária.

Ligado, na sua maior parte, a Instituições Universitárias, este grupo promovia a obra e o escritor que, pela sua mão, conheceu cidades como Perúgia, Florença, Roma, Milão e Turim, em conferências e reuniões que se multiplicavam.

# BLIMUNDA

coproduzione Teatro alla Scala,  
Teatro Regio di Torino, Teatro San Carlos di Lisbona



Disegno preparatorio di Michel Lehou per l'opera *Blimunda*

RICORDI

Foi, aliás, num destes momentos que conheceu Azio Corghi, que, impressionado pela atmosfera criada no *Memorial*, confessou a José Saramago o seu desejo de «*contar a história de um Orfeu no feminino*». A resposta de Saramago baptizaria a ópera, «*Chamá-la-emos Blimunda*».

Num exercício de grande unidade, escritor e compositor intersectaram os respectivos saberes, dando lugar ao magnífico trabalho que é o libreto de *Blimunda*, descrito pela crítica Lidia Bramani (casa Ricordi), como «uma estrutura em que são determinantes a voz recitante, solistas, oiteto madrigalista, coro, orquestra, electrónica, que se intersectam ao longo de linhas que se fragmentam e refazem, entrecruzando-se, distanciando-se, por vezes tocando-se ao de leve em três espaços musicalmente e cenograficamente distintos: o espaço acústico, o espaço imaginário e o espaço real».

Mas a estreia da ópera não se limitou em Milão ao público da sala que na noite de 20 de Maio encheu o Teatro Lírico, para aplaudir uma obra que, num só tempo, nos deslumbrava e quase estarrecia pela opulência, grandiosidade e magnificência, mas também pelo seu próprio e surpreendente avesso, na contenção da gestualidade, na pureza dos sons, no acenar dos sentidos.

Nos dias que a antecederam, numa organização promovida pela Universidade de Milão, tinha lugar o Colóquio *Viaggio intorno al Convento di Mafra*, na belíssima «Sala di Rapprezantanza», cujo programa era completado por um concerto de homenagem a autores portugueses do tempo — Carlos Seixas, Domingos Bomtempo e Francisco Lacerda — excelentemente interpretados por um grupo do Conservatório Verdi, ao qual a Fundação Calouste Gulbenkian, num assinalável esforço de colaboração, facultara, num curtíssimo espaço de tempo, as partituras das obras.

Um vasto público ouviu, entre outros, textos de Piero Ceccucci: *Il «Memoriale del Convento nell' itinerario narrativo di José Saramago e Eduardo Lourenço: O Memorial da história humana como história santa*.

De registar, sobretudo, as intervenções dos dois autores, Azio Corghi e José Saramago, que se prolongariam num longo debate com o público, em que falaram longamente do(s) sonho(s) de cada um: «*Eu acho que, depois de o padre Bartolomeu Gusmão ter inventado a “passarola” e eu ter inventado a “máquina para viajar”, é chegado o momento de o Maestro Corghi explicar a sua obra*». A resposta de Corghi deixa clara a unidade da travessia entre a obra e a ópera: «*História e história tenderiam para harmonizar-se numa síntese até exigirem, tornando-a “quase necessária”, a intervenção da música*».

Voltando às palavras de Lidia Bramani «*A extraordinária coerência estrutural do Memorial do Convento permite compreender globalmente o pensamento do escritor. Mantendo um desenrolar de sequências, Saramago torna o tempo narrativo centrífugo, dissolvendo a rigidez deste a partir do interior: O tempo psicológico, individual e colectivo vence o da narração convencional graças a uma prosa moderníssima, barroca, opulenta, transbordante de rasgos de projecção, simultaneamente capazes de uma suavíssima essencialidade*».

Foi assim no tempo de estreia de *Blimunda* em Itália. E foi também assim que José Saramago se fez Nobel: com uma *estatura de excelência e humildade* que ampliou, indelevelmente, o espaço da literatura e da cultura portuguesas no mundo.